



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

ANA LETÍCIA DE FREITAS

**CERRADO DE BRINCAR: RELAÇÕES ENTRE NATUREZA E
INFÂNCIA.**

Brasília

2018

Ana Letícia de Freitas

**CERRADO DE BRINCAR: RELAÇÕES ENTRE NATUREZA E
INFÂNCIA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à Banca Examinadora da Faculdade de
Educação, como exigência final para
obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Prof^a. Dra. Caroline Bahniuk

AGRADECIMENTOS

Sinto-me profundamente agradecida a esse “santo forte” que, sutilmente, guiou a minha trajetória, em todos os momentos até o presente. Sinto-me grata por minha própria força de não congelar diante da frieza capitalista, de fazer sempre caber um pouco mais de poesia, arte e criação diante das obrigações sociais vividas cotidianamente.

Esse sentimento se estende também ao meu pai e à minha mãe, que decidiram trilhar um caminho na minha criação exatamente da forma como eu precisava para que me tornasse quem eu sou agora. Para tanto, devo a eles o investimento de suas vidas por terem assegurado e mantido a minha saúde, a minha diversão e por terem proporcionado a melhor educação possível dentro de nossa realidade.

Também gostaria de agradecer a todas as vidas que participaram e ainda participam da construção e manutenção do campus universitário, a chama estudantil que promove transformações constantes nas narrativas que se permitem. Assim como sou grata a todas as provas objetivas e as experiências vividas no ensino fundamental e médio que abriram caminhos para que eu pudesse vivenciar a vida universitária.

Agradeço a todas as minhas amigadas e encontros proporcionados nesse espaço-tempo de graduação. A estrutura física é um brinde, como um parque arborizado à beira do lago, com construções futuristas. Ao colocar na balança esses benefícios, penso que as duas horas diárias no trânsito que eu tinha que passar todo dia pra frequentar a aula até compensaram.

Por fim, agradeço imensamente à comunidade Kalunga Engenho II, por ser um local de tanto afeto, beleza e sabedoria. À família da Bell, e à ela própria, por terem aberto para mim a porta de casa, e tantas outras portas. Sinto imensa saudade. Meu profundo agradecimento às comunidades Kalungas e quilombolas, ao Movimento dos Sem Terra (MST), aos agricultores familiares e aos povos indígenas. Sua incansável luta em defesa do território, assim como a resiliência de suas culturas e sabedorias populares, são verdadeiras inspirações de dedicação e resistência.

RESUMO

O presente trabalho tem como foco a compreensão da relação significativa entre a infância e o brincar livre na natureza, bem como a importância da preservação de espaços verdes para fins pedagógicos. Discute-se, portanto, a relevância da relação entre natureza e educação na infância, buscando construir uma reflexão sobre a importância de defender uma infância menos artificial, virtual, individual e sedentária, e mais ativa, saudável, alegre, curiosa, confiante e autônoma. Ao explorar como o vínculo entre as crianças e o meio ambiente do Cerrado pode fortalecer a abordagem educacional dos professores que atuam nessa região, percebe-se que as melhorias no currículo não se limitam a apenas uma habilidade.

Após discorrer e elucidar acerca da potencialidade pedagógica do contato com o meio ambiente, é possível notar o fato de que os processos se entrelaçam com a vivência da natureza do bioma Cerrado, cujas riquezas e desafios servem de inspiração artística e científica. A conclusão é apresentada por meio de um material inédito produzido para esta pesquisa, um livro escrito e ilustrado com base nos aprendizados que a contemplação da natureza do Cerrado pode oferecer àqueles que buscam enxergar.

Palavras-chave: Infância; Brincar; Natureza; Cerrado.

SUMÁRIO

1. MEMORIAL.....	06
2. INTRODUÇÃO.....	10
3. CAPÍTULO I – SER CRIANÇA É BRINCAR NA NATUREZA	15
3.1. Relações entre natureza e infância	16
3.2. A natureza como ponte para si e para a escola.....	20
4. CAPÍTULO II - POR SER DE LÁ, DO SERTÃO, LÁ DO CERRADO.....	25
4.1. Coisas que aprendi com o Cerrado.....	28
4.2. Vôo para a Chapada.....	32
4.3. Lista de imagens.....	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

1. MEMORIAL

Fruto de uma gestação compartilhada entre um mineiro e uma taguatinguense, cresci rodeada de primos e tias, cada qual com suas nuances deixaram marcas em minha ação. O olhar poético, entretanto, germinou espontaneamente em meu interior à medida que eu olhava o mundo da janela do carro, diante das estradas de grandes viagens que fazíamos. Meu pai, serenamente, guiava o carro por dias na estrada, conhecíamos cidadezinhas diferentes a cada parada, tanto para abastecer quanto para almoçar em algum boteco na beira da rodovia. Eu e meu irmão transformávamos o banco de trás em nossa própria nave imaginária, onde era possível brincar, ler gibis, curtir um som e tirar cochilos ao longo do caminho. Minha mãe, sempre atenta no banco do passageiro, trocava os CDs e nos contava histórias que ajudavam o tempo a fluir harmoniosamente.

Durante a jornada da infância, pude pisar na terra e aprender a pescar, pois minha avó paterna, que também me deu o primeiro nome, ensinou os filhos a fazer da natureza uma divindade, digna de ser muito bem contemplada, admirada e cultivada infinitamente. Minha avó, Ana Rosa, ensinou o meu pai, e hoje ele me ensina o que um dia ensinarei aos meus filhos e netos.

Imagem 1: Minha avó Ana, comigo em seus braços



Fonte: Arcabouço pessoal

Quando os meus avós se estabeleceram no Distrito Federal, nos anos 60, vindos de Minas Gerais, dividiram uma chácara na região administrativa Ponte Alta do Gama, lugar que existe até hoje e abriga o meu pai e os nossos animais. Sempre

que possível também faço de lá um lar. Quando minha avó Ana era viva e habitava o terreno, o local era, para mim, como um jardim de delícias repleto de pés de manga, amoras, pequi, acerola, pitanga, abacate, pitaya e até pêssego. Sem contar a quantidade de flores ornamentais, caliandras e quaresmeiras do Cerrado que enfeitavam o quintal. O ar fresco que os meus pulmões infantis respiravam, suavemente me trazia espaço interno para brincadeiras que incluíam grandes processos criativos e artísticos.

Imagem 2: Eu e meu irmão em uma pescaria



Fonte: Arcabouço pessoal

Observando muito bem os tons das flores e as cores dos pássaros no jardim, montei a minha própria paleta de cores para pintar os meus desenhos, pois, desde sempre, encantava-me com o ato de dar vida às páginas em branco, seja com giz, com canetinha ou com tintas feitas de terra. Lembro-me de que, aos seis anos de idade, cheguei a pedir aos meus pais de presente de aniversário um kit completo de pintura, o qual incluía cavalete, godê, avental, pincéis, tintas, além de uma boina para responder ao estereótipo francês das Belas Artes, simbolismo que a cultura já me traduzia subliminarmente.

Imagem 3: Meu aniversário das “Meninas Superpoderosas” e eu vestida de princesa



Fonte: Arcabouço pessoal

Imagem 4: Eu no maior cajueiro do mundo no Rio Grande do Norte



Fonte: Arcabouço pessoal

Por fim, acabei ganhando todo o material e passei longas tardes no quintal de nossa casa, na QNJ em Taguatinga, pintando telas e inventando os meus próprios mundos à mão livre. Com o tempo, o meu olhar detalhista se direcionou também à observar as pessoas e os seus fluxos temporais. Ver pessoas crescendo e o amor nas relações eram temas da minha curiosidade.

Sendo assim, chamava-me atenção especial a cidade e a sua poesia escondida na poeira de um canto da estação de metrô, local que, no mesmo metro quadrado, poderia abrigar alguém tirando um cochilo no chão com a barriga vazia, assim como uma pessoa apaixonada que corre para não perder o trem, o qual a

levará de encontro ao seu amor, e também podemos encontrar uma mãe exausta devido a mais um dia de trabalho, e que só pensa em ir para a sua casa. Infinitas possibilidades orgânicas coexistindo simultaneamente. Essa diversidade evidente e oculta entre as esquinas da minha cidade Taguatinga, ou em outras regiões que eu passava, eram clicadas em minha câmera fotográfica durante a adolescência, tais registros me ajudavam a perceber o meu ambiente presente e também a me localizar entre tantas narrativas que me atravessavam.

Graças à força da minha avó materna, Diva, que não cheguei a conhecer, a cultura da rua e da arte popular tornou-se algo que pulsa internamente em todos os seus filhos, netos e bisnetos. A cultura preta tem tanto calor que atravessa gerações com sua voz imponente, como o suingue dos corpos, a culinária e os fenótipos expressos na minha família.

Lembro-me muito bem da casa onde minha mãe cresceu, a mais nova de uns quinze irmãos que minha avó criava, a maioria parido por ela. Era um verdadeiro agito e o silêncio era raro até durante a madrugada. Podemos olhar para a quantidade de violência que transpassa os laços dessas vidas humildes, que buscavam todo dia uma forma de resistir, ou também podemos vislumbrar como todos faziam festa por onde passavam e eram ensinados a dançar desde cedo. Eu também fui ensinada a dançar, minhas primas insistiam em me fazer decorar coreografias e usar shorts combinando em apresentações, era divertido e, mesmo eu não sendo muito boa em comparação com elas, às vezes elas riam de mim e às vezes riam comigo.

Não convivi com minha avó nem com meu avô materno, mas reverencio a ancestralidade preta e indígena que me presentearam, e que enquanto branca periférica me localiza em lugar de autorreflexão constante acerca dos meus privilégios, além do fato de me fazer estranhar espaços extremamente ocidentalizados e higienistas. Assim, percebo uma didática contida nos saberes tradicionais que se fazem eternos, oralmente, pelas falas das velhas e dos velhos que me ensinam sobre um período em que tínhamos mais tempo e mais espaços verdes para as crianças brincarem e para aprenderem livremente mediadas pelo mundo, assim como propunha Freire (1981).

Meus pais, sendo servidores públicos, puderam dar a mim e ao meu irmão tudo que eles não obtiveram financeiramente na infância, fizeram o seu melhor quando nos colocaram em uma escola particular, que mais parecia um cursinho de

pré-vestibular. Eu fazia provas objetivas com cem questões quinzenalmente desde o sexto ano do Ensino Fundamental, e já era muito perspicaz ao me rebelar contra aqueles moldes frios e processos avaliativos rasos. A recuperação, assim como a sala da coordenadora pedagógica, foram lugares de muita familiaridade durante a minha passagem pelo Ensino Fundamental e Médio.

Nessa idade, a música me despertou um enorme encanto, eu compunha músicas que tocava no meu ukulele, imaginava amores inventados que nunca cheguei a viver durante a adolescência, pois eu estava ocupada demais lendo ficções, vivendo a música e me familiarizando com o universo audiovisual dos filmes, da fotografia e de plataformas virtuais, como o YouTube, naquele momento, que era a grande novidade. Foi numa navegação por essas plataformas que encontrei o canal de uma pedagoga brasileira que vivia nos Estados Unidos, ela tinha uma filha de seis meses, e até hoje produz vários vídeos sobre a perspectiva Montessoriana na criação e educação dos seus filhos.

Eu já preferia estar entre as crianças do que entre os mais velhos em reuniões de família, mas ainda não entendia que poderia ser uma vocação, até porque ainda estava passando pela metamorfose de não me ver também como uma criança. Entretanto, quando achei o canal da Flávia Calina, senti umacoceirinha interna que me fazia querer saber sempre mais, me fascinava ver a autonomia da sua filha enquanto ela crescia, se comunicando, cozinhando o próprio café da manhã ou manuseando uma tesoura. De alguma forma, o brilho do desenvolvimento infantil acendeu a faísca da educação em mim, e ao passar no vestibular para o curso de pedagogia na Universidade de Brasília (UnB), além de fazer jus a todo o investimento dos meus pais e a todas as provas objetivas que eu tinha feito na vida, atravessei um portal do conhecimento que me acolheria em todas as minhas potencialidades.

Ao chegar na Faculdade de Educação (FE - UnB) em 2016, fui abraçada pela diversidade de saberes que se abriram diante de mim. Joguei-me e participei não somente das atividades do meu próprio currículo obrigatório, como também de aulas que ministrei no Instituto de Artes (IDA - UnB), integrei um grupo de percussão e participei ativamente da comissão de segurança na ocupação da Faculdade de Educação em meu ano de caloura. Viver em uma universidade com paisagismo rico e bem arborizado nutria cotidianamente o meu apreço pelas manifestações e pelos fenômenos da natureza. Além disso, nessa idade, eu conhecia também a Chapada

dos Veadeiros (GO) e vivia minha própria autonomia de ir e vir para lá durante os finais de semana e os feriados.

Imagem 5: Tamanduá bandeira fotografado pelo meu pai



Fonte: Arcabouço pessoal

Ainda nesse contexto, ao participar de um grupo de estudos orientado pela professora Claudia Valéria de Assis Dansa na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE - UnB), descobri a Antroposofia, ciência espiritual que é fonte para a pedagogia Waldorf. Adentrando no universo de Waldorf, me encontrei na reverência cultivada diante das manifestações da natureza, e na grande significância que o elemento artístico possui na didática proposta pela Antroposofia. Logo consegui um estágio na escola que trabalho até hoje, a escola rural Pequizeiro, localizada em um condomínio no bairro do Jardim Botânico (DF), o terreno da escola é colado em uma reserva ambiental, um delicioso refúgio para espécies endêmicas do Cerrado. Além de ser uma escola com inspiração na pedagogia Waldorf, também são trazidos princípios da agroecologia em seu projeto político-pedagógico.

De lá até aqui, muita dedicação e reinvenção fizeram parte da minha vida acadêmica, muitos finais de semana e feriados vividos embrenhados nas matas da Chapada dos Veadeiros. Até que ocorreu uma pandemia, saí da casa dos meus pais, aprendi novos instrumentos, encontrei um grande companheiro amoroso que levarei para o resto da vida e, diante de tudo isso, a arte visual perpassou e ainda perpassa minha biografia em todos os momentos. Sempre procurei inventar contra capas coloridas e apresentações de slide criativas para os trabalhos cinzentos da academia, e não seria diferente no meu trabalho de conclusão de curso.

2. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso propõe o debate acerca dos conceitos de infância, natureza e educação, e visa expressar os canais que os interligam, onde um pode agregar maior valor e vida ao outro, e vice-versa. Nesse sentido, Tiriba (2005) traz indagações significativas que são colocadas em diálogo com Nuttall (2008), e posteriormente com Leite (2018), que nomeará e localizará a “natureza” em questão sob a ótica do bioma Cerrado.

Como apresentado em meu memorial, de alguma forma, a temática desta pesquisa se faz presente na minha história e está em conjunção com o fato de que ao me aproximar de infâncias Kalungas em uma imersão cultural, que começou em junho e se encerrou em agosto de 2021, e investigar de maneira bibliográfica a influência que o contato com a natureza pode desempenhar na qualidade do bem-estar humano, ficou evidenciada na minha narrativa a significância de tratar sobre a potencialidade de uma infância atrelada às experiências e brincadeiras ao ar livre e em conexão com a natureza, além de instrumentalizar uma possível ação pedagógica nesse sentido.

Sendo assim, o texto se constrói investigando a origem de pesquisas sobre a infância e a natureza, com um recorte especial no Cerrado. Entretanto, “A menina dos olhos” desta obra, é a produção de um livro infantil, que é apresentado no segundo capítulo, escrito e ilustrado por mim. Como oferta à comunidade educativa, deixo um material relevante sobre a temática ambiental de uma infância vivida nesse território.

No que tange ao bioma do Cerrado, aqui elencado como o central da pesquisa, ele abrange terras de grande parte do Brasil e pode ser encontrado nos estados de Goiás (GO), Tocantins (TO), Mato Grosso (MT), Mato Grosso do Sul (MS), Minas Gerais (MG), Bahia (BA), Maranhão (MA), Piauí (PI), Rondônia (RO), Paraná (PR), São Paulo (SP) e Distrito Federal (DF), de acordo com o Dicionário de Agroecologia e Educação (2021, p.169), e possui diversas fitofisionomias que vêm desde os campos limpos e vegetações arbustivas até as florestais.

Já o processo criador do livro infantil, por sua vez, foi nutrido com muitos “banhos de Cerrado”, em que cada planta e animal se apresentava misteriosamente para mim em minhas caminhadas pela mata para, posteriormente, se tornarem personagens e cenários na arte realizada. A possível magia existente no silêncio da

natureza, é transmitida em vinte páginas ilustradas acompanhada de uma linguagem poética. A leitura pode ser feita por todas as idades, pois, durante a narrativa, o caminho da leitura passa pelas texturas da terra, pelo barulho das águas que abastecem o país, pela força demonstrada pelo ecossistema resiliente ao fogo e pelas exuberantes paisagens, com morros que possuem vistas de tirar o ar. A obra ambientaliza o leitor em uma natureza específica, encontrada nos campos diversos do grande Cerrado, até mesmo quem nunca esteve nesse bioma poderá receber uma singela amostra das suas belezas e especificidades naturais.

O respeito ao planeta, as manifestações populares de povos tradicionais e agricultores familiares, devem ser pauta presente quando o assunto atravessa a preservação do meio ambiente. Respeitar o território dessas populações pode vir a ser uma oportunidade de resgatar uma relação menos destrutiva e predatória com o planeta Terra, que tem nos ofertado tanto. Ao respeitar o território e as práticas dessas comunidades, podemos estabelecer uma abordagem mais equilibrada e sustentável em relação ao meio ambiente. Ligado a isso, as práticas agrícolas dessas comunidades tradicionais, por exemplo, muitas vezes são desenvolvidas utilizando técnicas de cultivo que preservam a biodiversidade e promovem a resiliência dos ecossistemas.

É de extrema significância, desde já adotarmos uma postura de cooperação e de cuidado mútuo com o planeta, além de reconhecer e de envolver as populações tradicionais e agricultores familiares ao valorizar os seus conhecimentos e suas práticas. Ao fazer isso, podemos construir uma relação mais equilibrada e respeitosa com o planeta Terra e com a própria humanidade, reconhecendo a importância da conservação da natureza e da diversidade cultural para o nosso próprio bem-estar e para as gerações futuras, como pontua Ailton Krenak:

É como parar numa memória confortável, agradável, de nós próprios, por exemplo, mamando no colo da nossa mãe: uma mãe farta, próspera, amorosa, carinhosa, nos alimentando forever. Um dia ela se move e tira o peito da nossa boca. Aí, a gente dá uma babada, olha em volta, reclama porque não está vendo o seio da mãe, não está vendo aquele organismo materno alimentando toda a nossa gana de vida, e a gente começa a estremecer, a achar que aquilo não é mesmo o melhor dos mundos, que o mundo está acabando e a gente vai cair em algum lugar. Mas a gente não vai cair em lugar nenhum, de repente o que a mãe fez foi dar uma viradinha

para pegar um sol, mas como estávamos tão acostumados, a gente só quer mamar. O fim do mundo talvez seja uma breve interrupção de um estado de prazer extasiante que a gente não quer perder. (KRENAK, 2019, p. 30)

As consequências da relação da sociedade capitalista com a natureza é tema central de estudos modernos, nota-se que tem provocado uma intensa devastação ambiental, com diversas práticas de extinção da biodiversidade do planeta. Entretanto, a responsabilidade humana sobre possíveis prejuízos ambientais ou medidas cabíveis, não estão só presentes nas pesquisas, mas estão visíveis em nosso dia a dia.

Utilizar o benefício de uma caminhada ao ar livre, como possível lugar de conscientização para as futuras gerações, é um caminho imprescindível para exercer o pertencimento. Construir uma sociedade onde as pessoas possam se sentir pertencentes e à vontade para zelar e conhecer os processos da natureza com respeito, atualmente se revela um combustível para uma das últimas faíscas de esperança que restam para a sobrevivência da nossa espécie. Logo, o presente trabalho manifesta a significância de presenciar a natureza, para o nosso próprio compromisso pessoal, também para possibilitar nossa longa vida habitando este planeta.

Talvez, ao invés de cruzarmos os braços, e refletirmos sobre como nossa espécie vem se autodestruindo, esteja na hora de utilizar o potencial criador para soluções que possam proporcionar aos estudantes vivências em meio à natureza, a fim de desfrutar de seus benefícios à saúde e ao bem-estar, bem como para compreender a necessidade de defendê-la frente à ganância do lucro a todo custo, inerente à atual forma social. Assim, o respeito ao meio ambiente e aos povos tradicionais - indígenas, quilombolas, pequenos agricultores, Movimento Sem Terra (MST), entre outros - que guardam estas terras, pode ser exercitado diariamente dentro e fora do ambiente escolar.

Para tanto, os objetivos da pesquisa serão divididos em dois blocos: objetivo geral e objetivos específicos. Em primeiro plano, elegemos como objetivo geral discutir a significância e a relação da interação com a natureza na infância cerratense, desdobra-se desse os seguintes objetivos específicos: 1) Produzir um material didático sobre o bioma Cerrado; 2) Expor a necessidade de conservação

dos espaços verdes; 3) Refletir sobre o respeito aos saberes tradicionais e as infâncias camponesas.

Já no que tange à estrutura, este trabalho está setorizado em dois capítulos. No primeiro, os conceitos de natureza e infância são refletidos brevemente, algumas relações existentes entre esses dois aspectos também são evidenciadas. O segundo, por sua vez, é um convite para imergir em uma atmosfera cerratense, onde entende-se um pouco mais sobre este território e suas narrativas, ao final do capítulo apresento o material didático produzido para guiar uma possível abordagem sobre o Cerrado para as infâncias.

É importante salientar que esta pesquisa qualitativa foi desenvolvida com a afinidade a autores que contrapunham-se ao modelo bancário e hierárquico da educação. Isso se dá pelo fato de que, durante a minha graduação na Universidade de Brasília (UnB), a minha pesquisa encontrou caminho nas palavras de Vigotsky e de sua percepção estética da vida. Apoiada também pela Antroposofia (ciência que fundamenta a pedagogia Waldorf), me convidei, em meus estágios, a estar percebendo quais as influências que uma educação autônoma, artística e próxima à natureza poderia oferecer à comunidade.

Para a produção do livro, dividi o meu trabalho em quatro seções e as organizei associando com os quatro elementos (Terra, Água, Ar e Fogo). Desse modo, fui escrevendo e ilustrando o livro, nas páginas “Terra”, concentro-me em falar sobre a experiência do sentido do tato no Cerrado; nas páginas “Água”, pode-se aprender a lidar com as emoções e com a fluidez das águas dos rios; nas páginas “Ar”, o leitor é convidado a subir os morros da Chapada (GO) e, com a visão, contemplar as cores do céu; por fim, nas páginas “Fogo”, a resiliência cerratense é abordada em suas queimadas naturais ou criminosas.

3. CAPÍTULO I - SER CRIANÇA É BRINCAR NA NATUREZA

Para refletir sobre como a natureza e o brincar na infância podem relacionar-se, é necessário investigar brevemente cada um dos termos. Após ter uma simples compreensão do que conceitua esses aspectos, o convite é para pensar em como trazer essa experiência pedagógica viva dentro do cotidiano infantil.

Imagem 6 – Criança com borboleta (2019)



Fonte: arcabouço da autora (2018)

Enaltecer a importância que a brincadeira possui na infância, é entender que um simples correr livremente pode trazer um significativo proveito ao desenvolvimento físico, mental e social da criança que o faz. É compreender que assim elas entendem o mundo, e com um simples faz de conta, aprendem a regular suas emoções e entender as reações, bem como a cultura socialmente produzida pela humanidade. Sendo assim, ao internalizar os símbolos culturais, a criança se integra à sociedade, e o brincar é um canal fundamental para isso.

3.1. AS RELAÇÕES ENTRE NATUREZA E INFÂNCIA

Durante a ocupação e habitação da espécie humana no planeta Terra, seguimos desenvolvendo a nossa relação com o meio em que estamos inseridos. Com o avanço da história, as escolhas tomadas pelos seres humanos culminaram em uma cultura de exploração e desarmonia com o meio ambiente que nos abriga. O termo “natureza” em si, no cenário atual, já se desdobra em significados abrangentes, podendo ter sentido social, crítico científico ou poético. “Natureza” pode ser uma planta ou o lar de algum animal, mas também pode ser fruto da construção humana ou se referir às nossas relações interpessoais.

Nota-se que a concepção que julga a natureza apenas no que se refere a um ambiente selvagem e/ou vegetação preservada, se mostra como limitante e não elucida o conceito com profundidade.

Diante disso, Tiriba (2007, p. 222) menciona a teoria da Ecologia Ambiental a qual abrange as divergentes formas que coletivos humanos se relacionam com a natureza, de maneira tanto sustentável quanto predadora: com o objetivo de satisfazer suas necessidades fundamentais, ou com o objetivo de apropriação-transformação-consumo-descarte.

Desde o século XVIII, com a consolidação do sistema capitalista e industrial como modelo civilizatório, a humanidade, assumiu um grande risco para a sobrevivência e prosperidade das futuras gerações, pois tal sistema age consumindo o recurso natural que o planeta possui, sem qualquer interesse de reposição ou de promover o equilíbrio dos sistemas ecológicos existentes na natureza. Contudo, é necessário compreender o que é essa natureza que está sendo destruída em detrimentos de tais sistemas, para tanto, o geógrafo Castro (2019), apoiado por Ehrard (2005) e Merleau-Ponty (2006) traz ao tópico a etimologia da palavra “natureza”:

O termo Natureza é originário da derivação do verbo grego φύω (foneticamente /fíō/), no sentido de fazer nascer e crescer, engendrar, em alusão ao vegetal. Essa concepção relaciona-se à ideia de espontaneidade criativa, de nascimento, de desenvolvimento harmonioso. Em latim, o termo Natureza tem relação com a palavra nascor -que se refere a nascer, viver –e provavelmente seu significado fixou-se a partir do sentido nascer. (CASTRO, 2019, p. 18)

Observa-se que a relação entre o ato de nascimento com a nomenclatura da natureza reflete também nas coisas que nascem a partir das transformações humanas. A criança, ao nascer, encontra um contexto social que poderá, então, compreendê-la também como parte da natureza? Ou seja, recém-nascidos são ainda como um suspiro do todo, nascem como natureza para, apenas depois, se tornarem humanos. Entretanto, na sociedade moderna, muitos são os esforços para que, à medida que as pessoas se tornem adultas, seu sentido de pertencimento e de comunhão com a espécie humana ou com o universo sejam gradualmente destruídos. A realidade de crianças que não têm o direito de brincar na infância, pois já se preocupam apenas em sobreviver ou trabalhar é, infelizmente, algo comum nas grandes e pequenas cidades.

A infância tem sido tradicionalmente entendida pela psicologia como um dado inquestionável, universal e natural, em geral, apenas como uma etapa do desenvolvimento. Em algumas pesquisas recentes em produções acadêmicas de psicologia, há a presença frequente de duas principais definições de infância: a infância como etapa natural-biológica e a infância como uma construção sócio-histórica, em que predomina a definição de infância como etapa biológica, por nós denominada como infância naturalista, conforme a crítica de L. S. Vigotski. (SANTOS, 2019)

Delineando a evolução da percepção de infância ao longo da história, entende-se que o tema esteve ausente nos tempos passados. Os sentimentos das infâncias, assim como a questão da educação infantil, passaram a ser debatidas a partir da Constituição Federal estabelecida em 1988. No texto desse documento, a educação passa a se tornar um direito de todos, contudo, até então, pouco era o interesse do Estado tanto em pesquisa na área quanto no dever de assistência às crianças de 0 a 6 anos de idade, como pontua Snicheloto (2019).

Tal ideia passada, em que a infância era considerada uma fase breve e insignificante, e as crianças eram prontamente inseridas nas responsabilidades e atividades adultas, evidencia preocupações e críticas importantes, pois essa abordagem desconsidera a necessidade das crianças de desenvolver suas habilidades de maneira adequada para cada momento.

Além disso, ao serem privadas de uma infância adequada, as crianças podem sofrer consequências negativas em seu desenvolvimento emocional, social e cognitivo. Portanto, é essencial refletir sobre a valorização da infância como um período precioso, em que as crianças merecem ser cuidadas, protegidas e incentivadas a explorar, brincar e aprender de acordo com as suas capacidades e os seus interesses. Para tanto, a perspectiva Vigostkiana trata a infância como um momento de crescimento e aprendizado único, em que as crianças são especialmente receptivas às experiências que poderão polir sua própria compreensão do mundo. Sob essa perspectiva, é enfatizada a influência das relações sociais e da cultura no processo de desenvolvimento infantil, agregando à infância, também, uma perspectiva histórico-cultural.

Também torna-se notória a importância de compreender a origem das concepções de infância, as quais foram desenvolvidas nos estudos acadêmicos de

diversos teóricos que passaram a refletir e a aprofundar no tema. Com o passar dos anos, a própria infância se transformou, as brincadeiras atuais não são mais as mesmas que há dez ou vinte anos, isso acontece mediante a influência que a história e a cultura possuem na constituição da sociedade e dos seres humanos. Sendo assim, Vigotski (1930) nos apresenta a importância de entender as crianças como sujeitos históricos e culturais, todos com arcabouços únicos e que dialogam com a cultura em que estão inseridas.

Para aprender a lidar também com as regras sociais, as crianças utilizam, principalmente, a brincadeira: criam situações fictícias para assimilar e “ensaiar” certas atividades humanas. Com a observação e imitação dos gestos adultos, os pequenos vestem-se da cultura à medida que se divertem. E como é libertador poder brincar livremente em segurança na infância, quando o adulto se silencia e permite que a criança trilhe o seu caminho com confiança à medida que conhece os fenômenos naturais por si próprio. Assim, sem rótulos pré-estabelecidos, abre-se espaço para um descobrimento único, assim como para um potencial de criação de conhecimento autônomo e espontâneo. Mesmo que esses direitos da infância tenham sido conquistados, atualmente ainda existem diversas crianças cujo a infância não tem espaço entre as violências e explorações vividas cotidianamente.

Assim como se faz necessário a preservação da natureza de biomas ameaçados, a infância também merece ser cuidada e preservada para que as crianças tenham o seu direito de brincar livremente, subir em árvores, correr, e fortalecer a sua relação com o outro e com o mundo. Ser criança é ter tempo livre e brincadeira, é ter tempo de conhecer o mundo devagar e viver cada experiência pela primeira vez, pois segundo Tiriba: “As crianças têm verdadeiro fascínio pelos espaços externos porque eles são o lugar da liberdade, onde as vivências têm fruição, onde o adulto não controla seus corpos e o desenvolvimento integral é a prioridade, e não apenas o desenvolvimento das capacidades intelectuais.” (2005, p.40)

Os desafios saudáveis existentes no desenvolvimento do brincar em um meio ambiente preservado variam, uma vez que o aprendizado pode acontecer quando o sujeito possui a experiência de conhecer texturas diferentes ou de pular por obstáculos com formas imprevisíveis. Aprendendo a movimentar o seu corpo em meio à natureza, as infâncias vão encontrando sua forma de pertencer em harmonia com aquele espaço.

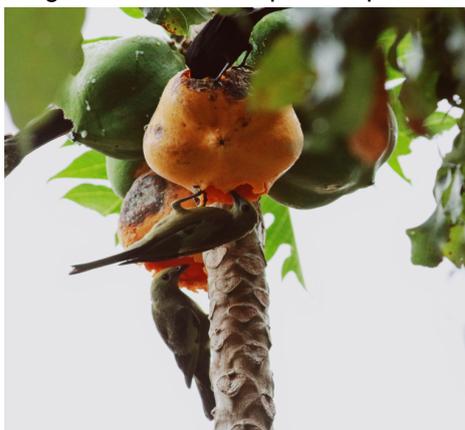
Para tanto, busca-se saber de onde originam os ensinamentos mediados pela natureza que as crianças podem conquistar, Machado (2016) nos traz a perspectiva que o contato com a natureza perpassa diretamente o conhecimento das crianças sobre o mundo. Portanto, neste trabalho são levantadas as questões como: “qual mundo as próximas crianças irão conhecer?” “Como e com qual qualidade de experiências essas infâncias irão aprender sobre o tempo e o local que se inserem?”

Percebe-se que no contexto atual, bem como com o avanço da indústria e da urbanização, as cidades já não são lugares seguros para as brincadeiras infantis acontecerem, o acesso ao mundo se tornou perigoso e a alternativa e segurança, contudo, acontece por intermédio de uma tela fria dentro de casa. As crianças não possuem mais espaços para expressar os seus corpos e acabam se cristalizando em frente a uma televisão ou telas de smartphones.

3.2. A NATUREZA COMO PONTE: PARA SI E PARA A ESCOLA

Para se aprofundar na busca de sinais que demonstram o fato de que o contato com a natureza traz benefícios e virtudes à realidade humana como um todo, a academia identifica que experiências em ambientes preservados ecologicamente podem agir como processo restaurador aos indivíduos da sociedade (SANTOS, 2014).

Imagem 7 - Mamoeiro para os pássaros



Fonte: arcabouço da autora (2021)

Em 2014, a bacharel em Engenharia Florestal, Ana Beatriz dos Santos, realizou um estudo de caso, na Universidade de Brasília (UnB), com muita relevância para entender quais são os processos, internos e externos, que uma

caminhada ao ar livre pode desempenhar em nosso bem-estar. Para esse fim, ela aplicou um experimento o qual expôs um grupo de pessoas a um ambiente preservado ecologicamente. Por cerca de trinta minutos, o grupo caminhou em um parque arborizado e longe do caos urbano, posteriormente os indivíduos foram submetidos a uma entrevista. Depois, o mesmo experimento foi realizado em um cenário metropolitano, localizado em um centro comercial movimentado, onde pessoas em situação de rua disputam lugar com os trabalhadores apressados nas ruas e vielas da cidade.

A engenheira concluiu que o contato com a natureza durante alguns minutos pode agir de maneira benéfica no estado emocional e cognitivo dos indivíduos, pois a maioria das pessoas entrevistadas demonstraram maior concentração e bem-estar após a caminhada na natureza. Em contrapartida, expressaram insatisfação e melancolia após a caminhada no ambiente urbano.

Ao reconhecer a relevância positiva que a interação com a flora, fauna e clima local podem ter na qualidade de vida do ser humano, é possível desenvolver o ato de enxergar essa relação dentro do ambiente escolar como uma ponte virtuosa para a integração dos currículos e de ações pedagógicas, e deve ser considerada com atenção ao educador que se interessa em semear um futuro harmonioso possível para as próximas gerações, pois: “Os benefícios atribuídos ao contato com áreas verdes incluíram aspectos emocionais e cognitivos. É possível que essa seja apenas uma pequena parte da totalidade dos benefícios à saúde mental, emocional e física obtidos pelo contato com a natureza.” (COSTA, 2014, p.46)

Tal regulação interna que acontece ao caminhar em um parque, por exemplo, tem sua efetividade devido, também, ao intervalo de poluição visual, ao qual as pessoas estão habituadas no dia a dia da cidade, devido às informações letradas, coloridas e sensacionalistas, sempre algo novo para desejar ou lamentar. O cognitivo humano, ao ser submetido a tantas informações visuais artificiais no contexto urbano, tem o foco distanciado de si próprio e da própria presença, isso se dá pelo fato de que, no momento atual, as pessoas estão sempre pensando em como darão conta do amanhã e da próxima coisa que será consumida, e não resta tempo para uma contemplação silenciosa do seu próprio caminhar individual.

Pessoalmente, sempre procuro retirar-me por uns dias e desintoxicar-me da urbanidade passando dias ou semanas acampada, dedicando o meu tempo apenas

para cumprir as demandas das minhas necessidades básicas. Lembro-me da sensação de estar longe de tudo que nos tira o repouso. Não tem bateria ou sinal para se gastar com redes sociais, o que dá muito espaço para contemplar e refletir sobre a vida. Vez ou outra pode vir até uma maré de gratidão pelas coisas mais simples, como cozinhar uma refeição ou uma boa noite de sono, e me lembro também de tentar achar o porquê de ser tão difícil acessar esse tipo de consciência quando estamos na cidade e seguindo a rotina desenhada pelo capital. Na floresta, o tempo se multiplica possibilitando a vivência de meses em semanas, já na cidade, por outro lado, as vinte e quatro horas do dia nunca são suficientes para todas as coisas que estamos correndo para fazer.

Após tantas imersões no campo, tenho para mim que o tempo dura menos na cidade, pois temos novas informações o tempo todo, somos atravessados por vitrines que despertam a vontade de consumo sempre. Há tanta coisa para desejar, tanta grama do vizinho para olhar, feed de mídias sociais para atualizar, que raramente conseguimos fazer alguma atividade com qualidade de presença. Quase nunca aproveitamos o tempo para cuidar apenas das nossas necessidades, e assim poder perceber as belezas da vida humana. Não ter "nada" pra fazer deixa nossa cabeça confiante para apenas ser. Lá na mata existe presença, insights capazes de resolver grandes questões da humanidade. Eu sempre prometo para mim mesma, que irei estender aquela percepção viva pelo resto da minha vida cotidiana, mas é difícil seguir com essas reflexões depois que estamos novamente inseridos na poluição metropolitana.

O problema não é apenas o excesso de estímulos visuais artificiais existentes na estrutura urbana, mas, principalmente, a intenção que há por trás de cada manifestação luminosa e colorida que atinge nossos olhos ao passear por uma cidade. Os seres urbanos estão sendo ininterruptamente convidados a desejar produtos e a consumir narrativas que não é a própria, os padrões sociais são subliminarmente transmitidos por expressões de marketing e espalhados por meio dos veículos de comunicação. Uma simples caminhada para exercitar a saúde física pode ser invadida por uma vitrine ou por um outdoor que te convença a querer algo que você jamais se interessaria espontaneamente ou pensaria a respeito a sós. Essa ideia afasta os indivíduos de enxergarem e elaborarem a própria vida com autonomia, dificulta o foco em objetivos pessoais e desnobre a força de vontade para trabalhar nas metas de realização pessoal individual.

Na sociedade capitalista-urbana-industrial-patriarcal, como estão as relações de cada ser humano consigo mesmo? Qual a qualidade das relações dos seres humanos entre si? E as relações destes com a natureza - isto é, com a Terra, espaço que a espécie humana habita? No quadro sócio ambiental em que vivemos, qual a qualidade deste amálgama de relações? (TIRIBA, 2005, p. 36)

Neste trabalho, não caberá aprofundamento exclusivo acerca das potencialidades que o contato com a natureza proporciona aos sentidos e bem-estar dos seres humanos, e sim como essa significância pode ser percebida e exercida dentro das escolas ou como ponte para o aperfeiçoamento do processo de aprendizagem. Sob essa perspectiva, o educador pode agir como mediador fundamental dessa relação dialética, entretanto os espaços verdes, parques vivenciais, áreas de preservação ambientais, e territórios indígenas necessitam continuar existindo, sendo vistas como potenciais zonas estudantis espalhadas pelas metrópoles. Para que seja assim possível a vivência da maravilhosa relação existente entre a infância e o brincar livre na natureza, além de abrir portas para o desenvolvimento da educação ambiental.

Nesse sentido, ao assumir uma turma de quinto ano no ensino fundamental de uma escola pública na Bahia, a professora Carolyn Nuttall (2008) desenvolveu um projeto bem sucedido, baseando-se nos princípios da permacultura, ela obteve resultados surpreendentes a partir da associação de diversas disciplinas do currículo com a criação de uma agrofloresta dentro da própria escola.

Os estudantes, autonomamente, tomavam decisões democráticas sobre a gestão do cultivo e se engajaram com responsabilidade sobre aquele manejo diário. Além de se autoregularem, exerceram a colaboração, paciência e o estudo científico entre si, usando a relação com o outro e o ambiente como vínculo. Assim, dentro de uma escola pública, foi possível transformar um ambiente “inutilizado” em um local de lazer e estudo vivo, uma vez que “A vida escolar, em pouco tempo, mudou para todos nós. A agrofloresta transformou-se em uma sala de aula ao ar livre. Isso enriqueceu o trabalho na sala de aula interna, trazendo vitalidade e sentido às nossas atividades cotidianas.” (NUTTALL, 2008, p.13)

Em um pequeno livro a autora relata como foram os dias de trabalho junto com a turma, e expressa que os princípios permaculturais contagiaram e criaram

raízes naquela comunidade escolar, a agrofloresta iniciada apenas por uma turma, perdurou sendo local de atenção e cuidado de todas as crianças da escola, e até mesmo após a saída da professora idealizadora. O projeto seguiu em frente com as crianças, transformando a forma de estudar naquela escola e enriquecendo a forma daquelas infâncias se relacionarem com o meio ambiente.

Esse projeto é um exemplo perfeito de como é possível aliar o conhecimento de maneira teórica e prática, onde os estudantes envolvidos possam vivenciar o fenômeno estudado e entender aquele processo em seu contexto prático. Além de demonstrar como a exposição de alunos e professores a ecossistemas ricos, pode agir como experiência restauradora e libertadora, trazendo maior qualidade para os momentos de concentração e estudos na sala de aula interna.

A agrofloresta foi um excelente dispositivo para a integração da aprendizagem com as áreas centrais do currículo. O escopo para o desenvolvimento dos tópicos pedagógicos em todas as disciplinas era bastante extenso. Nenhuma disciplina ficou de fora das criativas oportunidades que a agrofloresta proporcionava. (NUTTALL, 2008, p.17)

O estudo da língua portuguesa, por exemplo, se manifestava na gestão da agrofloresta quando os estudantes produziam textos escritos para informar, explicar, documentar, pesquisar, ou organizavam rótulos, listas, legendas, poemas e documentos referentes à manutenção do trabalho na terra. Para as ciências naturais, então, o projeto agroflorestral era um prato cheio, pois as crianças aprendiam os fenômenos da natureza com a oportunidade de observação fenomenológica diária do desenvolvimento das plantas e observavam, também, o comportamento dos animais que eram atraídos pela vegetação. Em matemática, a riqueza estava em calcular quantidades de materiais e tamanhos de áreas para a construção dos canteiros, havia também um trabalho de tesouraria e arrecadação de recursos financeiros para a manutenção do projeto, além da organização de escalas para os trabalhos diários. Tudo feito para as crianças e por elas mesmas.

A interdisciplinaridade possível de ser abordada em momentos de contato com campos ricos em fauna e flora, não se limita. Os valores cultivados durante o processo de respeitar a natureza são imensuráveis e auxiliaram os participantes a

se prepararem para lidar com os desafios da sociedade moderna de maneira equilibrada e agindo com enfoque no benefício coletivo.

Cada pessoa tem sua própria concepção de meio ambiente, cujas características dependem de seus interesses e crenças individuais, sejam elas científicas, religiosas, artísticas, políticas, profissionais ou filosóficas. Sendo assim, ao debater sobre a questão do meio ambiente ou propor projetos relacionados à educação ambiental, é necessário, primeiramente, conhecer as concepções de meio ambiente das pessoas envolvidas na atividade. (ALBUQUERQUE, 2007, p.18)

Sendo assim, para dialogar sobre infância e natureza dentro da educação, é necessário saber que essas crianças possuem um nome, um endereço, uma comunidade, uma narrativa própria que precisa ser considerada, e profundamente conhecida antes mesmo da idealização de qualquer planejamento pedagógico. Essa natureza, por conseguinte, também possui um nome e diversos aspectos próprios que merecem ser valorizados e respeitados.

Com base nisso, o objetivo deste trabalho é explorar a importância da conexão com a natureza do bioma Cerrado para o desenvolvimento do aprendizado e das brincadeiras na infância das crianças que crescem nesse ambiente. Elas são criadas em meio a árvores tortas e secas no inverno, sob céus que se assemelham a obras de aquarela.

4. CAPÍTULO II - POR SER DE LÁ: DO SERTÃO, LÁ DO CERRADO

O pé de jatobá tem frutos de catar, comer e brincar. Para se fazer criança no Cerrado é preciso: pés vermelhos no chão, sentir o cheiro das queimadas, da terra molhada e da poeira no ar. Terra onde a família cultiva o alimento, o sustento e onde o transporte custa a passar. A escola é encontro, é vida, é saber! (LEITE, 2018, p.51)

O segundo maior bioma brasileiro guarda uma riqueza imensurável em suas raízes profundas que abrem caminho na terra de cristais em busca de água durante a seca. Durante a cheia é possível admirar a força de águas que correm entre os vales e despencar em lindas cachoeiras. Berço das águas, o Cerrado abriga as

nascentes de bacias hidrográficas que abastecem a América do Sul, como pontua Belonia (2018).

Imagem 8: Paisagem cerratense



Fonte: Arcabouço da autora (2021)

No Cerrado, é possível experimentar texturas macias e ásperas, frias e quentes, duras e moles. É possível observar buritis que crescem e ganham a imensidão do céu com sua altura, e a canela de ema que ano a ano conquistou seu único centímetro, demorando centenas de anos para alcançar o tamanho de um humano adulto. No Cerrado existem medicinas por todo lado, e cada vegetação guarda um mistério a ser estudado. Tem comida gostosa, como o pequi, a cagaita, a mangaba, o araticum, o baru e muitos outros. É refeição e renda das famílias que vivem por lá, também é refeição para os bichos que fazem desse bioma seu abrigo. Lobo-guará, Anta, Jiboia, Arara-canindé, Tucano Mirim, Pato mergulhão, Ema e Seriema diariamente fazem festa entre Caliandras, cactos e Candombás.

Os elementos descritos fazem do bioma Cerrado um verdadeiro poço de inspiração artística e conhecimento científico para a população de todo o território, além de ser uma peça fundamental para o equilíbrio ecológico do país. Contudo,

toda essa beleza e fartura atualmente perde espaço para a agroindústria com seus cultivos e monoculturas.

O descaso que é feito com esse tesouro nacional expõe que os interesses dos grandes empresários e do governo são exclusivamente pautados pelo acúmulo de capital e de poder, pois, diversas vezes, estudos já levantaram como a agricultura familiar e o sistema permacultural possui capacidade de abastecimento para o país, com alimentos de qualidade. Além de ser uma atividade igualmente ou mais produtiva que as monoculturas de soja e milho que atualmente devastam o território cerratense, como elucida Dias (2021):

No agronegócio, quem lucra são as grandes corporações que têm as patentes das sementes geneticamente modificadas e dos agrotóxicos. Com o custo para se manter cada vez mais caros, o lucro financeiro fica nas mãos das corporações, e o prejuízo, em toda a humanidade que sofre, sem saber, as diversas consequências da agricultura industrial. A boa notícia, é que já está sendo comprovado por diversos estudos que as agroflorestas, que tem o cultivo diversificado e baseado na agroecologia, pode ser muito mais produtivo que o modelo adotado pelo agronegócio. Além de ser um tipo de manejo menos dependente de insumos e sem consequências para a saúde pública ou para o meio ambiente, a agroecologia traz um olhar sistêmico e uma maneira de se colocar em favor da vida. ¹

Diante da ameaça diária que o território Cerratense sofre, a comoção popular para a sua preservação deveria obrigatoriamente permear os assuntos pedagógicos das escolas de todos os estados que abrangem esse bioma. Se espalhando pelas regiões de Tocantins, Mato Grosso do Sul, oeste de Minas Gerais, Distrito Federal, oeste da Bahia, sul do Maranhão, oeste do Piauí e outras, o Cerrado ocupa grande parte das terras brasileiras e, segundo o ICMBio (2017), abraça a função de distribuição hídrica do país. Sendo assim, a preocupação com a manutenção do Cerrado em pé deve ser pauta, principalmente, das regiões que o correspondem, mas também do país inteiro, haja vista que, com a devastação do sistema que irriga o país, os prejuízos serão “distribuídos” para todos. Entretanto, os locais que podem gozar do privilégio de se localizarem próximos às áreas preservadas de Cerrado, têm a significativa oportunidade de ensinar e aprender com a relação das

¹ Disponível em: pindorama.org.br/agroecologia/agronegocio-x-agroecologia/

manifestações da natureza local e dos saberes populares advindos de comunidades do campo. Dessa forma, a conscientização, a preservação e o resgate do sentido de pertencimento ao meio ambiente poderão andar juntos.

4.1. Coisas que aprendi com o Cerrado

“Tucum, pequi, jequi, timbó
Araçari, lobo guará,
O horizonte aos pés do sol,
Ver cachoeira a se derrama”
(Carlos Valverde)

Durante a minha formação enquanto pedagoga, existiram alguns hiatos causados por uma pandemia imprevista que obrigou a humanidade a se recolher durante um tempo, priorizando a preservação da saúde de nossa espécie, e do bem coletivo.

Assim que os riscos diminuíram, eu e a grande maioria da população continuávamos com a saúde mental em estado preocupante, e sabendo como o contato com a natureza pode servir de ferramenta restauradora das emoções, como bem pontua Costa (2014), tive o impulso de resgatar minha presença em uma imersão ao Cerrado. Escolhi viajar ao município de Cavalcante no estado de Goiás, para estar durante dois meses vivendo na comunidade quilombola Kalunga Engenho II, essa viagem que a princípio tinha interesse apenas de trocas culturais e trabalho voluntário para meu próprio desenvolvimento pessoal, acabou me aproximando do tema da pesquisa que agora discorro.

O povo Kalunga, encontrou no Cerrado do estado de Goiás um esconderijo para a preservação de suas tradições culturais. Desde que se estabeleceram nesses territórios, acharam aqui espaço de transmitir para suas próximas gerações a intensa conexão com a terra, suas práticas agrícolas, músicas, danças e cultos.

Hoje são três as comunidades, sendo que a mais populosa está em Cavalcante, e tem mais de duas mil pessoas, distribuídas nas localidades

do Engenho II, Prata, Vão do Moleque e Vão das Almas. O território Kalunga é o maior sítio histórico e cultural do País em extensão.²

Consegui o contato de um hostel que aceitava trabalho voluntário em troca da hospedagem e fui acolhida por uma mãe solteira e seu filho, a família tentava reerguer seu negócio após a grande baixa causada pela pandemia. A mulher se chama Bell e possui um hostel dentro da comunidade que acabava de abrir novamente para visitantes externos. Aproveitando esse momento, cheguei para me hospedar, em troca do meu trabalho voluntário e doações de roupas. Nesse tempo, além de lavar banheiros, limpar quartos e produzir mídia para o marketing do hostel, me aproximei das infâncias que ali viviam e, todo dia, eu também dedicava um tempo para auxiliar o seu filho de seis anos a realizar todas as tarefas escolares à distância, que eram entregues em papéis dentro de um envelope.

Conhecendo também outras crianças Kalungas, e aquele território de águas verdes e fartura vegetal, fui semeando a ideia de um material didático que pudesse expressar o quanto essas crianças aprendiam todos os dias convivendo com os campos cerratenses e suas cultura familiar. Fui percebendo a agilidade existente em cada pequeno que ali habitava, brincávamos, plantávamos, colhíamos e cozinhávamos juntos. Pude aprender lições únicas enquanto me ambientava naquela comunidade.

Ao mesmo tempo que eu levava para colher e tirar as sementes de uma bucha vegetal, por exemplo, as crianças faziam o mesmo com três. Elas queriam me mostrar plantas e bichos que estavam vendo o tempo todo, e eu demorava muito para conseguir enxergar, contudo não conseguia às vezes. Em nossas caminhadas, elas me falavam os nomes das flores e se eram boas para o preparo de chás ou não. Faziam fogueiras e sabiam exatamente quando ia chover, ou quais frutos poderíamos encontrar naquela época. Nomeavam os pássaros pelos cantos e se apropriaram de atalhos nas trilhas que os turistas não conheciam.

² Disponível em:

<https://portal.al.go.leg.br/noticias/120038/comunidade-kalunga-com-suas-tradicoes-e-cultura-e-most-rada-na-serie-nossa-historia-das-redes-sociais-da-alego>.

Imagem 9: Apollo enxergando piabas de cima.



Fonte: Arcabouço da autora (2021)

Em poucas semanas, pude perceber o quanto o saber tradicional vivia e pulsava naquelas crianças, aprendi muito mais com elas do que elas comigo, mesmo quando passávamos a tarde sob um telhado de palha e eu emprestava o meu material de colorir para que elas produzissem suas próprias obras, ou quando eu elaborava ações pedagógicas para elas.

Sendo assim, considerando a ampla gama de conhecimento que o bioma Cerrado e suas comunidades podem proporcionar às pessoas que vivenciam essa relação, comecei a desenvolver o material que teve o primeiro título de “Coisas que aprendemos com o Cerrado”. A vontade de escrever e ilustrar um livro já fazia parte da minha vivência pessoal há anos, e vi nessa experiência uma oportunidade única de aliar a produção de um livro infantil com a minha pesquisa de conclusão de curso. Para tanto, durante a própria viagem comecei a esboçar como traduziria os tesouros aprendidos em páginas coloridas e em poesia rimada.

É evidente que essas crianças, com as quais convivi, não adquiriram essa desenvoltura sozinhas, são jovens em constante transformação e orientados pela família e comunidade. Desde a primeira infância são afetados culturalmente pela realidade quilombola, o mundo e os processos da natureza lhes são apresentados

com intimidade por suas famílias, onde tanto adultos quanto crianças se entendem como parte orgânica comum com a natureza.

Silva e Falcão (2011) e Lima (2016), entre outros estudos que se debruçaram sobre as manifestações culturais da Chapada dos Veadeiros, ressaltaram a riqueza dos saberes populares sobre: os ciclos da natureza e da vida humana, a espiritualidade, as medicinas do Cerrado, suas sementes, frutos e fauna. (LEITE, 2018, p.59)

Analisando de perto as manifestações das vidas que residem esparramados pelo Cerrado, e as minhas relações desenvolvidas com a comunidade do Engenho II, reconheço o povo Kalunga como os proprietários propícios desse território. Em uma organização social pautada pela posse, é imprescindível para a manutenção do Cerrado em pé e a preservação ambiental desse ecossistema tão biodiverso o direito dessas populações de poder sobre as terras aqui descritas. Pois essa população, assim como as comunidades de pequenos agricultores, possuem a história da região marcada em suas próprias narrativas, além de se articularem cotidianamente em busca do respeito de sua própria identidade e para que seus direitos possam ser atingidos sem represálias.

Em outro viés, durante o tempo que estive imersa na comunidade, pude ouvir também a população adulta, pude conhecer histórias sobre golpes e corrupções que aconteciam dentro da própria associação Kalunga, que ocorriam por influência e ganância dos latifundiários e governantes da região, por meio de chantagens conseguiam comprar os representantes mais influentes da comunidade para agirem de acordo com os seus próprios interesses.

Já ao conversar sobre as crenças espirituais de Apollo, de apenas seis anos, ele contou embaixo de uma árvore seca de mama cadela, que as plantas podiam servir como um ímã para qualquer “energia ruim” que mandassem para o povo quilombola. Eu perguntei o que ele achava que era essa “energia ruim”, em poucas palavras ele respondeu que tinha gente querendo acabar com a comunidade, que não gostava de ver a união do povo e que até matavam algumas pessoas dali. Ele também disse que ficou triste com a morte dessa árvore, pois ele amava subir e se pendurar em seus galhos, mas com maturidade a agradecia por ter “sugado” a negatividade e, de alguma forma misteriosa, por ter protegido ele e sua família.

O Cerrado e seus povos merecem respeito, pois todos acabamos beneficiados pelas zelo exercido nas comunidades que têm direito sobre esse território. Eles são como guardiões dessa terra e seus interesses são o oposto devastação ambiental que vem crescendo. Com a possível extinção do Cerrado, essas narrativas humanas também poderão ser extintas e nós, enquanto educadores e seres humanos, perderemos cada vez mais a oportunidade de desenvolver uma relação de pertencimento a essa natureza específica e ao planeta que nos abriga, além de transmitir essa relação aos estudantes.

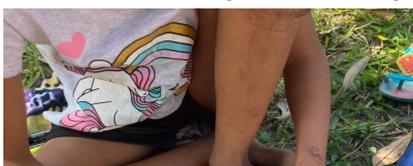
Ainda que a responsabilidade de preservação na prática esteja sendo desenvolvida, em sua maior parte, por populações tradicionais, essa temática deve ser levada em consideração pedagogicamente desde o jardim de infância nas escolas e na formação dos pedagogos, uma vez que, enquanto educadores, temos um papel fundamental para a transformação da realidade social em que estamos inseridos.

Essa temática pode ser desenvolvida dentro da educação de maneiras variadas e criativas, pois a natureza do Cerrado possui diversos elementos para inspiração artística e científica além de uma enorme diversidade de fitofisionomias. Ainda que essa seja uma história de luta, o enfoque didático da biodiversidade cerratense pode ser passada para as crianças pequenas de maneira a se relacionar com os objetivos curriculares dessa faixa etária sem perder o encantamento.

4.2. VÔO PARA A CHAPADA

Ao investigar como as relações da infância com a natureza do Cerrado poderiam potencializar a técnica pedagógica dos educadores infantis que habitam esse território, foi possível compreender que os aprimoramentos curriculares não se limitam a apenas uma competência. Aprender com e no Cerrado pode propiciar aos indivíduos a possibilidade de experimentar seus sentidos de maneira espontânea, conhecendo as texturas irregulares existentes na natureza. A criança, além de adquirir confiança e autonomia para explorar atividades que oportunizem a sujeira, também desenvolve o sentido do tato e aumenta seu arcabouço de experiências físicas e informações sensoriais conhecidas.

Imagem 10: momento de criação com crianças kalungas



Fonte: Arcabouço da autora (2021)

A partir dos benefícios descritos no primeiro capítulo para o bem-estar do ser humano no contato com o meio ambiente preservado ecologicamente, infere-se que tais manifestações, também podem ser aplicadas na relação das crianças com o Cerrado. Entende-se, portanto, que os seres que interagem com essas áreas verdes, podem estar mais aptos à concentração, como pontua Costa (2014). Sendo assim, para elucidar uma das maneiras possíveis de associar a vivência cerratense com o currículo da educação infantil, ainda que em contexto urbano, e para a “tradução” de questões importantes relacionadas ao tema a uma linguagem apropriada às crianças, foi desenvolvido um material de apoio para possíveis abordagens ambientais na educação infantil.

O livro foi produzido sob a ótica de uma educadora infantil nascida e criada no Distrito Federal (DF), amante da Chapada dos Veadeiros (GO) e entusiasta de imersões e de acampamentos no “mato”. Tanto a escrita quanto as ilustrações foram pensadas para expressar a riqueza de criação que o Cerrado pode inspirar nas relações humanas, visando trazer ao público infantil a vontade de brincar ao ar livre. O livro infantil foi produzido inteiramente pela autora, e seu desenvolvimento teve boa parte feita em territórios cerratenses.

O Distrito Federal é caracterizado pela beleza natural do Cerrado, sendo este o segundo maior bioma do país, com cerca de um terço da sua biodiversidade. É marcado principalmente pelo clima tropical, com uma estiagem que se prolonga por aproximadamente cinco meses. Uma reflexão que o Cerrado provoca, sobretudo quando se pensa uma educação para a sustentabilidade, como prevê um dos Eixos Transversais deste Currículo, é acerca dos impactos causados pela perda da biodiversidade, imposta pelo adensamento populacional e a expansão da agropecuária. (Currículo em movimento do Distrito Federal, 2018, p.12)

A metodologia de elaboração do livro, se deu a partir de uma organização própria e espontânea a partir da imersão ao território Kalunga. Após vivenciar momentos de riquezas com o povo Cerratense, o material foi idealizado em quatro partes associadas aos quatro elementos naturais: terra, fogo, água e ar. Com essa sistematização foi possível relacionar como cada elemento interno e externo podem dialogar no desenvolvimento infantil. Para as páginas “Terra”, é proposto o

conhecimento de texturas diversas pelo tato infantil, e o livro traz como sugestão a brincadeira de “comidinha” com terra, pedras, água e folhas, uma atividade que estimula a sensorialidade e criatividade. Já a parte “Fogo” foi inspirada na resiliência do bioma Cerrado ao fogo, suas plantas e formações são preparadas para aguentar as labaredas espontâneas e rebrotar após as queimadas que podem acontecer em determinadas épocas do ano. Para a “Água”, nada mais didático para ensinar sobre flexibilidade e o fluir das emoções do que os movimentos hidrográficos deste local, durante a narrativa tal “aguacêro” serve de metáfora para as águas dos sentimentos que nos permeiam enquanto seres humanos. E por fim, para representar o elemento “Ar”, foram escolhidas as paisagens encontradas ao subir os morros da Chapada, assim como as cores do céu Cerratense, que nos enchem de inspiração e às vezes nos fazem perder o ar. Esses quatro elementos dialogam externa e internamente a partir da interação humana com o Cerrado.

O uso do material didático para a educação infantil, como o livro ilustrado, auxilia no aprofundamento de conteúdos relevantes e poderá servir como conexão relevante a ser construída para uma educação ambiental desde a primeira infância. Contemplando os objetivos propostos no documento Currículo em Movimento do DF (2021), no campo de experiência espaços, tempos, quantidades relações e transformações, o livro “Cerrado de brincar”, fornece a oportunidade do docente de promover na sala de aula momentos para que as crianças conheçam e elaborem oralmente as plantas e animais do Cerrado, como também, a oportunidade do educador discutir com seus estudantes, de 4 a 5 anos, questões de sustentabilidade que envolvem Brasília e o seu bioma, o Cerrado, além de contemplar também o Documento Oficial, elencado anteriormente, no que diz respeito a ouvir e conhecer histórias sobre Brasília e o Cerrado.

Portanto, infere-se que existem diversas formas de se trabalhar um livro dentro da sala de aula, dependendo da faixa etária as atividades podem variar desde uma simples contação de história, até a motivação para a escrita própria e ilustração de livros.

Disponibilizo o material como uma oferta à comunidade pedagógica que se interesse em trazer o Cerrado para o currículo escolar do DF. O livro “Cerrado de brincar” traz para a prática um exemplo de postura educacional para estreitar, de fato, a relação das crianças com a natureza cerratense, ainda que em contexto metropolitano.

Ao imergir na obra, que será apresentada páginas a seguir, a criança entrará em contato com um olhar de embelezamento para as manifestações do bioma Cerrado, trazendo luz à importância de contemplar os fenômenos naturais, com interesse e admiração. A finalização desse tema com uma expressão artística mostra a possibilidade de entender o Cerrado como potência de inspiração poética e científica.

4.3. LISTA DE IMAGENS

Imagem 11: Banquete de lama



Fonte: FREITAS, **Cerrado de brincar**, 2023, p. 01

Imagem 12: Sabedoria e comida



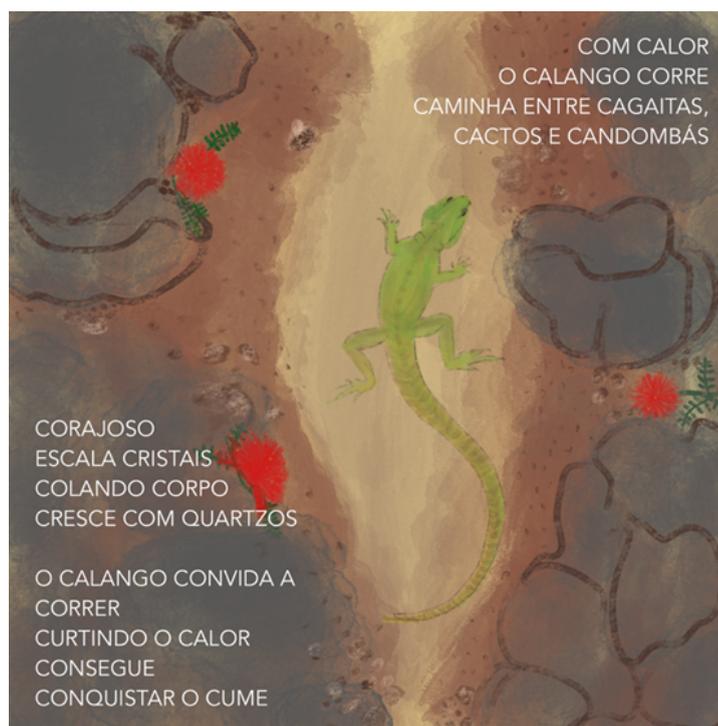
Fonte: FREITAS, **Cerrado de brincar**, 2023, p. 02

Imagem 13: Crianças sentadas na árvore



Fonte: FREITAS, **Cerrado de brincar**, 2023, p. 03

Imagem 14: Calango



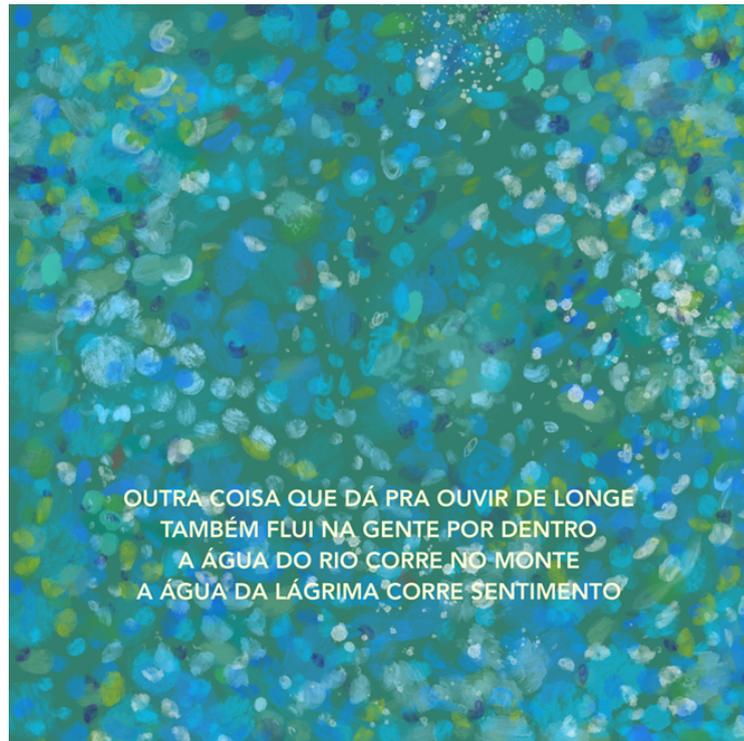
Fonte: FREITAS, **Cerrado de brincar**, 2023, p. 04

Imagem 15: Labaredas de fogo



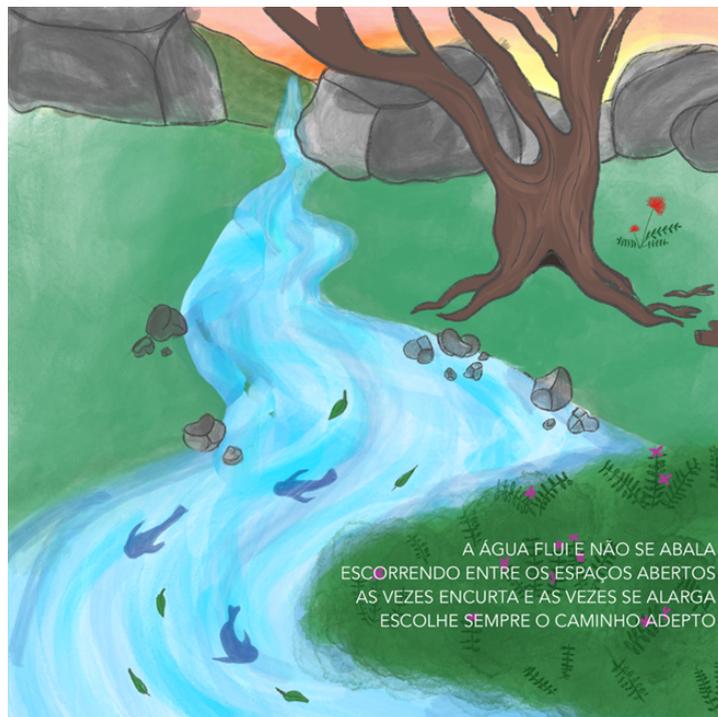
Fonte: FREITAS, **Cerrado de brincar**, 2023, p. 05

Imagem 16: Água do rio



Fonte: FREITAS, **Cerrado de brincar**, 2023, p. 06

Imagem 17: Margens de um rio



Fonte: FREITAS, **Cerrado de brincar**, 2023, p. 07

Imagem 18: Mimosas



Fonte: FREITAS, **Cerrado de brincar**, 2023, p. 08

Imagem 19: Campo de pali-palanthus



Fonte: FREITAS, **Cerrado de brincar**, 2023, p. 09

Imagem 20: Criança carregando frutas em sua roupa



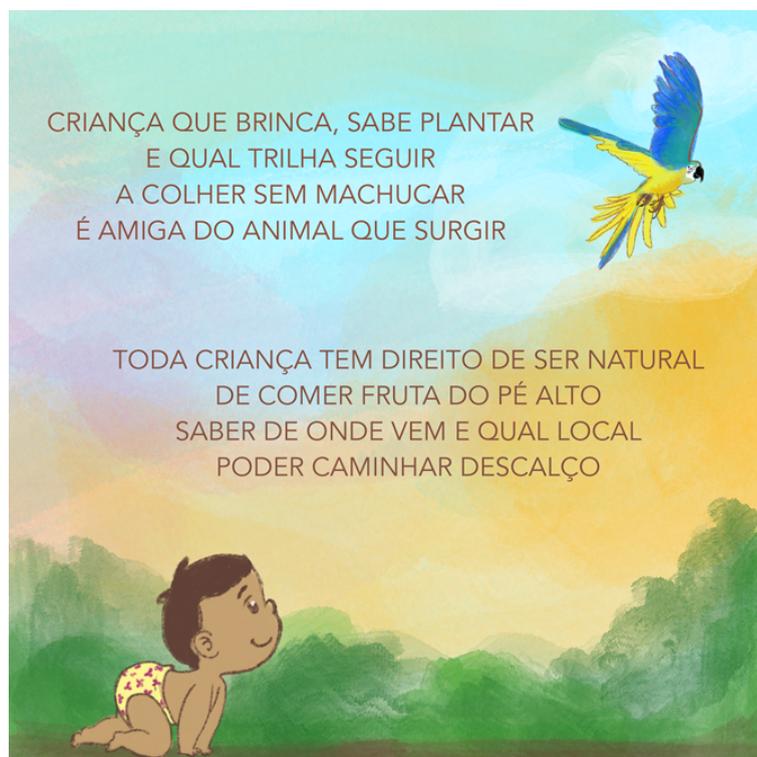
Fonte: FREITAS, **Cerrado de brincar**, 2023, p. 10

Imagem 21: Cigarra



Fonte: FREITAS, **Cerrado de brincar**, 2023, p. 11

Imagem 22: Criança olhando uma arara-canindé



Fonte: FREITAS, **Cerrado de brincar**, 2018, p. 12

Imagem 23: Crianças brincando na árvore



Fonte: FREITAS, **Cerrado de brincar**, 2018, p. 13

Imagem 24: Mato do cerrado



Fonte: FREITAS, **Cerrado de brincar**, 2018, p. 14

Imagem 26: Planeta Terra



Fonte: FREITAS, **Cerrado de brincar**, 2018, p. 15

Imagem 27: Aranha em sua teia



APRENDER HISTÓRIA E MATEMÁTICA
VIVER GEOGRAFIA E CIÊNCIA
O CERRADO TEM MUITA DIDÁTICA
SABE A ARTE DA DOCÊNCIA

Fonte: FREITAS, **Cerrado de brincar**, 2018, p. 16

Imagem 28: Cerrado em pé



CERRADO EM PÉ
É CRIANÇA SALUTAR
INTELIGÊNCIA E FÉ
A SE METAMORFOSEAR

Fonte: FREITAS, **Cerrado de brincar**, 2018, p. 17

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os vínculos com os seres vivos e elementos naturais, por sua vez, correlacionam-se, segundo o compilado de diversas pesquisas independentes, com a saúde física, psíquica, social e acadêmica dos seres humanos. (MOREIRA, 2020, p.85)

Além dos benefícios para o bem-estar, entende-se que o estreitamento da relação entre o indivíduo e a natureza também possui função de alicerce ao sentimento de pertencimento das narrativas humanas ali presentes para com o bioma que se inserem (neste caso, o Cerrado). Sendo assim, o pertencimento ao ambiente vivido tem o potencial de fomentar o engajamento na proteção desse espaço, seja na defesa ambiental, seja na preservação das manifestações culturais locais, as causas e os interesses regionais acabam por despertar o envolvimento daqueles que se identificam com essa região.

Com a conexão e identificação diante de um território, os adultos constroem em si a confiança necessária para permitir que as crianças brinquem livremente e explorem os espaços com autonomia e segurança. Dessa forma, é possível compreender o quanto o pertencimento pode ser imprescindível para uma possível transformação social, pois:

O potencial transformador do ambiente natural encontra eco na escola enquanto grupo organizado, na comunidade, na vizinhança, nos indivíduos, inicia-se um movimento de pertencimento e de cuidado, que pode refletir não apenas na preservação do rio que atravessa a cidade, mas também no cuidado com os arredores e com as próprias pessoas. (LEITE, 2018, p. 18).

Para tanto, os resultados da presente pesquisa evidenciam a significância de aproximar o ambiente natural das pautas escolares e revela, também, o desafio de resgatar esses laços no ambiente urbano. Assim, o educador pode se colocar à disposição de adaptar sua prática e o seu espaço, promovendo aos seus estudantes a vivência com a natureza possível ao seu redor, uma vez que o brincar livre na

natureza se manifesta como uma maneira propícia da criança se colocar no mundo e reconhecer o seu ambiente. Conhecendo as diferentes texturas, pesos e temperaturas dos materiais orgânicos, os pequenos se enriquecem de experiências com aquele local, e podem se familiarizar com o local no seu próprio tempo.

Portanto, compreendendo a significância de manter uma vivência cotidiana em áreas verdes, a defesa do Cerrado merece estar em destaque em todos os espaços possíveis, pois o bioma é importante para as comunidades que o habitam, e também para a manutenção hídrica do país inteiro. Conclui-se, assim, que a atenção popular deve direcionar-se à preservação do brincar e do meio ambiente de maneira equânime. Um se relaciona com a saúde do outro, em conjunção com a luta manifestada aqui: por uma infância com liberdade de brincar e por um Cerrado com oportunidade de resistir em pé.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Bruno Pinto de. **As relações entre o homem e a natureza e a crise sócio-ambiental**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2007

ALEGO, Assembleia Legislativa do Estado de Goiás. **Comunidade Kalunga com suas tradições e cultura é mostrada na série Nossa História das redes sociais da Alego**, 2021. Disponível em:

<https://portal.al.go.leg.br/noticias/120038/comunidade-kalunga-com-suas-tradicoes-e-cultura-e-mostrada-na-serie-nossa-historia-das-redes-sociais-da-alego>. Acesso em: 12/09/2018.

BARROS, Maria Isabel Amando de. **Desemparedamento da infância: a Escola como Lugar de Encontro com a Natureza**. 2. ed. Rio de Janeiro: Alana, 2018.

BELONIA, Paulo. **Cerrado: O berço das águas brasileiras!** Save Cerrado, 2018. Disponível em: savecerrado.org/cerrado-berco-aguas-brasileiras/. Acesso em: 10/09/2018.

CASTRO, Daniel. **Um Estudos Sobre o Conceito de Natureza**. Revista do departamento de geografia; Universidade de São Paulo. Vol 38, 2019.

COSTA, Ana Beatriz dos Santos. **Incremento na cognição e no bem-estar através do contato com ambientes naturais: um estudo de caso no Cerrado brasileiro**. 2014. 57 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia Florestal) Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

DIAS, Nilson. **Agronegócio x Agroecologia**. Instituto Pindorama, 2021. Disponível em: pindorama.org.br/agroecologia/agronegocio-x-agroecologia/

DISTRITO FEDERAL. **Currículo em Movimento do Distrito Federal**. Brasília, DF: Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, 2021.

FREITAS, **Cerrado de brincar**. Brasília, DF, 2018.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019.

LEITE, Jaciara Oliveira. **Ser criança camponesa no Cerrado**. 2018. 230 f., il. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

NUTTALL, Carolyn. **Agrofloresta para crianças**. Ciranda café cultura & artes; Instituto de Permacultura da Bahia, 2008.

MOREIRA, Luciana Queiroz Rodrigues. **Brincando Com Os 4 Elementos Da Natureza: Água, Fogo, Terra E Ar**. Revista EA-Nº 63. Brincando com a natureza.05/03/2018.

SANTOS, P. M. V. **Das infâncias naturalistas à infância histórica: um estudo à luz da crítica de L. S. Vigotski à psicologia infantil**. 2019. 164 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

SEEDF. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Ensino Fundamental Anos Iniciais**. Brasília, 2014a. DISTRITO FEDERAL.

SNICHELOTO, Ivone. **Ela É Forte Porque É, É Preciosa!": Relações Entre Crianças E Natureza Na Educação Infantil**. Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim, 2019.

STAUFFER, Anakeila de Barros; et. al (Orgs.). **Dicionário de Agroecologia e Educação**. Rio de Janeiro; São Paulo: Expressão Popular, 2021.

TIRIBA, Léa. **Crianças, natureza e educação infantil**. CAPES, PUC-Rio, 2005.

TIRIBA, Léa. **Reinventando relações entre seres humanos e natureza nos espaços de Educação Infantil**. In: MELLO, Soraia Silva de; TRAJBER, Rachel (Org.). **Vamos cuidar do Brasil – Conceitos e Práticas em Educação Ambiental na Escola**. 1. ed. Brasília: MEC, 2007. p. 219-228.

VIGOTSKY, Lev Semionovich. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico livro para professores: tradução Zoia Prestes**. São Paulo: Ática, 2009.